



## **GT 28. Das coleções aos sujeitos, dos sujeitos às coleções: nova luz sobre os acervos etnográficos musealizados**

### **Coordenador(es):**

Adriana Russi Tavares de Mello (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Lúcia Hussak Van Velthem (Museu Paraense Emilio Goeldi)

### **Sessão 1**

**Debatedor/a:** Marília Xavier Cury (MAE-USP)

### **Sessão 2**

**Debatedor/a:** Lia Fernandes Peixinho (UNIRIO)

Desde o final da década de 1990 os processos museológicos relacionados às coleções etnográficas vem sendo alvo de críticas, reflexões e significativas mudanças. Nesse sentido, a antropologia e a museologia reviram seus pressupostos epistemológicos o que provocou entre outros a constituição de uma nova ética na relação com os chamados “informantes” ou “povos representados” nas coleções. Paralelamente, em diferentes localidades os povos tradicionais, os povos indígenas e outros povos tem se organizado para pressionar governos, pesquisadores e a sociedade em geral na garantia de seus direitos, o que por sua vez em muitos casos desaguou na formulação de políticas próprias que lhes asseguram tais direitos. Direito ao território, às memórias, às tradições, à língua, à educação diferenciada e ao patrimônio são apenas alguns destes direitos. Implicadas com tais mudanças, diversas instituições e iniciativas lançam uma nova luz sobre as coleções etnográficas, iluminando práticas que são construídas por um fazer colaborativo com povos indígenas, populações tradicionais e outros grupos sociais na busca de novos sentidos para além das próprias coleções. Assim, este GT pretende acolher relatos de experiências e reflexões, conduzidas em espaços museais ou fora deles por diferentes atores, que versam sobre o duplo caminho que articula coleções e sujeitos, sujeitos e coleções.

### **Sujeitos, relações e narrativas: notas acerca do machado de pedra Xetá**

**Autoria:** Lilianny Rodriguez Barreto dos Passos (SEED)

A Coleção etnográfica Xetá é constituída de objetos, documentos, gravações de áudio, fotografias e filmes, coletados e produzidos durante expedições científicas realizadas entre os anos de 1955 e 1961, na região conhecida como Serra dos Dourados, noroeste do estado do Paraná, Brasil. Atualmente, as coleções etnográficas encontram-se nos acervos do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR e do Museu Paraense. Entre todo o material um objeto se destaca: o machado de pedra. Artefato feito como instrumento de subsistência para os índios Xetá na Serra dos Dourados, no período que antecede o contato; abandonados na floresta durante o período de contato; trocados por machados de ferro no contexto das expedições científicas; objeto etnográfico exibido em exposições científicas e de caráter permanente nas galerias do Museu Paraense; cobiçado e alvo de disputa entre dois colecionadores, Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák; e (re)produzido na contemporaneidade pelo grupo familiar Xetá. Tomado como representativo da alteridade, materialidade do homem primitivo, o machado de pedra suscita narrativas, epistemologias, teorias, metodologias e relações. Este work pretende debater a sua biografia, sua história de vida produzida e reproduzida na relação entre diferentes sujeitos: pesquisadores, colecionadores, museus e o povo Xetá, desvendando assim suas materialidades, particularidades e historicidade específica.



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: